

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIA SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

GABRIEL CARVALHO LEAL

CÉSIO 137:
As Cicatrizes Invisíveis

Produto Jornalístico: Documentário

Mariana
2021

GABRIEL CARVALHO LEAL

CÉSIO 137:

As Cicatrizes Invisíveis

Memorial Descritivo apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, orientado pelo Dr. Felipe Viero e sob a coorientação do Dr. Adriano Medeiros.

Mariana

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

L435c Leal, Gabriel Carvalho.
CÉSIO 137 [manuscrito]: as cicatrizes invisíveis. / Gabriel Carvalho
Leal. - 2022.
39 f.: il.: color.. + Organograma.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado.
Coorientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Acidentes radioativos. 2. Césio. 3. Jornalismo. 4. Jornalismo -
Aspectos sociais. 5. Trauma psíquico. I. Machado, Felipe Viero Kolinski. II.
da Rocha, Adriano Medeiros. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV.
Título.

CDU 070.4

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriel Carvalho Leal

CÉSIO 137

As cicatrizes invisíveis

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Aprovada em 06 de janeiro de 2022.

Membros da banca

Dr. - Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. - Adriano Medeiros da Rocha - Co-orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. - Marta Regina Maia - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. - Evandro Medeiros - Universidade Federal de Ouro Preto

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 19/03/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/03/2022, às 13:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0296232** e o código CRC **444A6407**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, antes de mais nada, à Universidade Federal de Ouro Preto pela oportunidade de estudar em uma das melhores instituições públicas do país e colaborar com o que é produzido pela UFOP.

Agradeço também a minha família, por todo o apoio que tive nesses últimos quatro anos. Foram longos e difíceis, mas eu tinha tudo o que precisava quando olhava para a minha casa.

Agradeço também ao Odesson e a Marli pela participação no produto e pela receptividade tão grande que tiveram, são, agora, amigos. Agradeço também ao Daniel Camargos, a Daniela Arbex e a Carla Lacerda pela disponibilidade, mesmo com as agendas cheias, de participarem do memorial.

Gostaria de agradecer, também, aos meus professores, que foram guias essenciais nessa caminhada. Agradeço aos meus orientadores, que sem eles, eu não conseguiria completar esse trabalho, Felipe e Adriano, muito obrigado! Agradeço à Marta e ao Evandro, por colaborarem e prestigiarem o meu desenvolvimento. Agradeço ao Cláudio Coração, que apesar de não ter acompanhado minha conclusão (pelo simples fato de nós não podermos colocar dez professores nesse processo), foi uma pessoa que sentou e conversou comigo em um dos momentos que mais precisei.

Gostaria de agradecer aos meus amigos, em especial a minha república, Diáspora, e aos que dividiram a maior parte desses anos comigo. Agradeço, imensamente, à Beatriz, que foi minha companheira em boa parte dessa caminhada e que sempre acreditou e me motivou.

RESUMO

O objetivo deste projeto experimental é contar a história do maior acidente radiológico do mundo, que aconteceu no Brasil, pela perspectiva do radioacidentado, Odesson Alves Ferreira. Durante décadas, as vozes com autoridade para falar do assunto foram as dos médicos, políticos e outros tidos como especialistas pelo jornalismo. A ideia é mostrar que muitas das experiências vividas pelas vítimas diretas do acidente, merecem um respeito maior do que o que é dado. Através do filme documental, a intenção é criar uma aproximação grande entre quem conta a história e quem a escuta. Já o memorial busca discutir a relação do jornalista com fontes sensíveis, vítimas de algum trauma, discutindo desde o lugar do jornalista até a relação final com a fonte. Para essa discussão, o trabalho traz materiais acadêmicos e entrevistas qualitativas com jornalistas feitas durante o processo.

Palavras-chave: Acidente radiológico; Césio 137; Documentário; Trauma; Jornalismo; Alteridade.

ABSTRACT

The objective of this research is to tell the story of the biggest radiologic accident in the world, which took place in Brazil, from the perspective of the victim Odesson Alvez Ferreira. For decades, the voices with authority to speak of the matter were those of the doctors, politicians, and others considered experts by journalists. The idea is to show that many of the experiences lived by the direct victims of the accident, deserve greater than what has been given. Through the documentary, the intention is to create a closer relationship between those who tell the story and those who listen to it. The memorial, on the other hand, seeks to discuss the journalist's relationship with sensitive sources, victims of some trauma, discussing from the journalist's place to the final relationship with the source. For this discussion, the research brings academic materials and qualitative interviews with journalists carried out during the process.

Keywords: Radiological accident; Caesium 137; Documentary; Trauma; Journalism; Alterity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 DESENVOLVIMENTO.....	11
2.1 PRIMEIRO CONTATO.....	11
2.2 O TRAUMA.....	12
2.3 O CONTATO.....	13
2.4 O PROCESSO DA RELAÇÃO.....	14
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
4 DIÁRIO DE CAMPO.....	20
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

As cicatrizes nos corpos das vítimas que continuam sobrevivendo trazem um reflexo simbólico daquele setembro de 1987. São sequelas físicas e permanentes que os impedem de passarem despercebidos, até por eles mesmos. O espelho é um reforço para a memória, criando assim um conceito oriundo de uma primeira observação.

A exposição ao composto radiológico césio-137, presente em máquinas antigas de radiografia, causou danos irreparáveis aos que foram expostos. No início do mês de setembro de 1987, R. A.¹, junto a um grupo de catadores, buscavam, pelas ruas do centro de Goiânia, materiais que poderiam vender e arrecadar algum valor. R. A. era recondicionador de lanterna de automóveis, mas estava desempregado. Precisava encontrar o que fosse necessário para ajudar a pôr comida na mesa da família. O grupo, ao caminhar pela Av. Tocantins e chegar ao cruzamento com a Av. Paranaíba, fez uma breve pausa. O calor era grande, fazia nesse momento 31°C. A secura de agosto ainda durava e, por ser meio de tarde, era insuportável ficar tempo demais no sol. Nesse momento, notaram que havia, na esquina, os escombros de um prédio demolido e algumas ruínas ainda de pé.

O grupo entrou sem nenhum problema, ao passar por parte do terreno com bastante mato, entrou em uma sala longa. O ambiente era pouco iluminado, visto que não contava com nenhuma janela sequer. A sala fedia a urina, o cheiro era quase insuportável e ele dizia que, provavelmente, alguém se abrigou por ali. O grupo não ficou muito, afinal, aquele lugar aparentava estar vazio há bastante tempo. Porém, R. A. havia notado um equipamento grande, largado no fundo daquele cômodo remanescente. Ao sair, ele anotou muito bem o local onde avistou algo que poderia valer algum dinheiro. Alguns dias depois, R. A. voltou ao local, observou aquele troço de chumbo e teve a certeza de que não conseguiria retirar a máquina dali sem a ajuda de alguém. Como Carla Lacerda afirma em suas apurações no livro *Sobreviventes do Césio 137* (2018), R. A. visitou alguns amigos, os quais não puderam o acompanhar, até que chegou à casa de W. P. O amigo era motorista e também estava desempregado, era casado e pai de uma criança. Eles almoçaram e, após muita insistência, R.A. convenceu W. P. a ir com ele ver o objeto que havia encontrado dias atrás.

¹ Os nomes de alguns envolvidos serão preservados seguindo a forma de atuar da Agência Internacional de Energia Atômica.

Pouco depois do almoço, chegaram ao local e, mais uma vez, não tiveram dificuldades para entrar. R. A. mostrou o objeto a W. P. e notaram que a peça já apresentava avarias, mas que ainda era extremamente robusta e pesava facilmente mais de 500 quilos. Os dois saíram, buscaram um carrinho de mão e voltaram. Tentaram pôr o objeto no carrinho, mas sem sucesso, afinal, o peso da peça chegou até a danificá-lo. Estavam quase desistindo quando R.A. conseguiu tirar uma parte menor da máquina, que conseguiram levar.

No dia 10 de setembro, reunidos na casa do R. A., eles desmontaram o aparelho que era quase todo feito de chumbo, desconectando uma peça maciça de inox, uma espécie de cabeçote. Nele havia apenas um buraquinho, protegido por um material sensível e que se romperia facilmente usando uma chave de fendas. Começou aqui, então, a contaminação com o céσιο 137.

Durante os dias 12 e 13, R. A. procurava um ferro-velho para vender a tralha de chumbo, até encontrar o de Devair Alves Ferreira, a umas duas quadras de sua casa. Lá vendeu a parte de chumbo, 98 quilos, por aproximadamente 1800 cruzados e acabou deixando a peça de inox, uma vez que não tinha valor algum nem para ele e nem para o Devair. Essa peça ficou desprezada, no meio dos entulhos, até anoitecer e o dono do ferro-velho notar uma luz diferente que vinha de dentro dela. Devair estava voltando para casa, após uma ida ao bar vizinho, por volta das 22 horas, e notou que o ferro-velho estava claro demais, mesmo com todas as luzes apagadas. A princípio pensou ser um incêndio, foi procurando em meios as sucatas até reencontrar a peça e se encantar com o azulado. Pegou a marmita² e a levou para dentro de casa, animado.

Daquele setembro em diante, o pó azul, composto de céσιο 137, encantou aqueles que o viram – e, cabe ressaltar, foi por esse motivo que o composto contaminou os sujeitos que ficaram em torno da descoberta. Azul era a cor do brilho emitido pelo composto em ambientes escuros. Durante o dia, tinha uma textura de pequenas pedras da cor cinza cimento, o que não chamaria a menor atenção; porém, à noite, era descrito por quem viu como uma luz muito forte na tonalidade azul. A vida de Odesson Alves Ferreira, de sua família e de outras em torno do acidente, mudaria para sempre.

Na inocência de uma pessoa humilde e à luz da escolaridade que lhe foi acessível, Devair acreditava que aquela luz, a qual chegou em seu ferro-velho na marmita de inox, era algo precioso. Uma de suas vontades era fazer um anel de brilhante para sua esposa, Maria

² Forma que os radioacidentados chamavam a peça de inox contendo o Céσιο 137.

Gabriela Ferreira. Ainda culpa da sua singela educação, Devair quis que seus familiares ficassem com um pouquinho daquele material como um presente, dado com carinho. Assim, com empolgação, mostrava aos que o visitava e oferecia parte do pó para que levassem para casa. Dessa forma, Ivo Alves Ferreira, irmão de Devair e Odesson, levou para casa e encantou, e muito, sua filha Leide das Neves. A trama e o drama instaurou-se em uma família que não merecia tal infortúnio, aliás, nenhuma família merecia passar por situação semelhante.

Foram 4 vítimas com falecimento diretamente ligado ao Césio 137 (outras mortes em anos posteriores também são atribuídas à contaminação). Maria Gabriela Ferreira, 37, era esposa de Devair. Leide das Neves, 6, era sobrinha de Devair. Morreram também dois funcionários do ferro-velho, Israel Batista dos Santos, 22, e Admilson Alves de Souza, 18. As mortes aconteceram nessa ordem, as duas primeiras no dia 23 de outubro de 1987 (um mês após a tragédia ser conhecida), a terceira no dia 27 de outubro de 1987 e, a última, no dia 28 de outubro de 1987. Essas 4 vítimas, e outras 10, ficaram internadas no Hospital Naval Marcílio Dias³, no Rio de Janeiro. Algumas outras dezenas de pessoas contaminadas foram tratadas em Goiânia e mais de 90 mil pessoas foram monitoradas por acreditarem ter tido algum contato com o composto. Não obstante, a falta de informação no deflagrar do evento fez com que se criasse uma histeria coletiva em Goiânia, em Goiás e, por consequência, em todo o Brasil.

Para desenvolver o produto, será feito um documentário audiovisual, contando a história do acidente pela perspectiva de uma das vítimas, Odesson Alves Ferreira. Irmão de Devair e de Ivo, Odesson tocou no césio e tem em seu corpo a marca do contato com essa história. Tem, também, as marcas em sua memória, feridas incuráveis. Odesson é um militante ativo da história da tragédia e busca fazer com que, através da informação, acidentes como esse jamais aconteçam novamente.

A escolha da produção de uma peça audiovisual se dá por diversos fatores. É um material mais acessível, uma vez que a leitura, por exemplo, não é um privilégio de todos. Será legendado em português, o que trará uma acessibilidade ainda maior. Outra questão importante do audiovisual é a sua capacidade de ligar aqueles que estão em lados opostos do

³ Hospital preparado para atender vítimas expostas à radiação. Foi construído para dar suporte às usinas nucleares de Angra dos Reis (RJ).

ecrã. Pensando que a história será contada por Odesson, o audiovisual traz uma excelente possibilidade diegética de ouvirmos quem conta, como diz Silva:

[...] no documentário contemporâneo, a valorização da experiência do outro como vivência singular, irreduzível, faz com que voltemos os olhos e os ouvidos ao homem ordinário, às expressões individuais, aos enfoques particularizantes, às formas próprias de um indivíduo representar seu estar no mundo. (SILVA, 2013 p. 17)

Um ponto importante a ser ressaltado é que ainda vivemos em uma pandemia sanitária. A Covid-19 segue sendo um risco sem uma vacinação completa e, nesse sentido, o Brasil vem caminhando lentamente rumo à imunização completa de sua população. Todos os envolvidos nas filmagens usaram máscaras, com um teste PCR negativo e com a vacinação completa.

A produção usou imagens gravadas em visita ao Odesson, imagens de arquivo do entrevistado, imagens de filmes e documentários feitos sobre o assunto e imagens capturadas em Goiânia, pelo autor.

Aqueles que sobreviveram a uma tragédia dessa magnitude lidam como podem com as sequelas físicas. Mas, talvez, as marcas mais profundas estejam submersas pelo escudo que criaram com o passar dos anos para se protegerem do que lhes aconteceu. Apenas as vítimas de um trauma tão severo são capazes de ter esse sentimento descomunal.

Dessa forma, a apuração de fatos em situações tão adversas, como a de uma catástrofe, torna-se bem mais complexa, exigindo que o jornalista trabalhe de uma forma totalmente diferente. Pensando nisso, o memorial que acompanha o documentário buscou entender como se dá a relação entre o repórter e as fontes (vítimas de traumas) e da apuração em contextos de tragédias. A pesquisa se deu através de entrevistas com jornalistas com experiências neste tipo de trabalho e o uso da literatura sobre o tema.

Foram entrevistados três jornalistas brasileiros para a produção do memorial: Carla Lacerda, jornalista goianiense e escritora do livro *Sobreviventes do césio 137* (2018), fonte com experiência no tema e inspiradora para a produção sobre o acidente. Daniela Arbex, jornalista mineira e escritora de livros como *Todo dia a mesma noite* (2018) e *Holocausto brasileiro* (2013), que também trataram casos excepcionais de tragédias humanas. E, por fim, Daniel Camargos, que cobriu, durante um mês, o rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG) e, atualmente, faz cobertura constante dos conflitos no campo.

Sobre as entrevistas qualitativas recolhidas pelo autor da pesquisa, alguns trabalhos trazem a necessidade da transcrição integral do material. Mattos *et al.* (2013, p. 31) afirmam que, ao transcrever uma entrevista na íntegra e colocá-la como apêndice no texto, o autor transforma a informação verbal que estava acessível somente a ele em um documento escrito acessível a todos os leitores.

Porém, as entrevistas foram extensas e optei pela preservação das fontes. Existem questões pessoais e profissionais nas conversas que dizem respeito somente ao entrevistado e que seguirão fora do trabalho. As questões pertinentes à discussão serão citadas durante o texto.

Com o documentário pronto, é interessante pontuar algumas escolhas como diretor. O filme trabalha com dois momentos de câmera, um em movimento e outro estático, no tripé. A câmera livre foi uma escolha para criar aproximação do público com o personagem, gerando uma sensação de que o espectador está ali, presente naquela cena. A câmera no tripé já traz a seriedade do momento, um aspecto documental e formal.

Outro ponto importante é a escolha do poema e das músicas. Eu parti de três princípios, inicialmente o de valorizar a produção artística goiana; também, permiti que os personagens escolhessem músicas que lhe faziam algum significado; por fim, trabalhei com músicas que tiveram alguma ligação com a história do cinema com o césio. Sobre o poema, uma vez que eu, como diretor, assumo uma primeira pessoa dentro do documentário, fez sentido que a interpretação fosse a minha.

A coloração preta e branca do início da obra tem a ver com o momento narrativo, mais poético e menos documental.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PRIMEIRO CONTATO

Ao pensar na produção de um documentário abordando um tema tão delicado, esbarrei na situação de que não seria mais um trabalho como os demais que produzi ao longo da academia, tendo um nível de complexidade maior que os anteriores. Agora, pela primeira vez (penso ser algo que nunca chegue para alguns jornalistas), eu acessaria histórias tão intensas. Seria um novo tipo de trabalho jornalístico, definido pelo poder da narrativa, como descreve Ana Cláudia Peres (2018, p. 97) ao dizer que

Trata-se do “narrador-jornalista”, que se coloca um passo além disso e dar a ver a cena de outros modos, entendendo que a realidade é complexa, feita de texturas, de cheiros, de muitas vozes, de silêncios. Um narrador-jornalista que aparece na cena de forma explícita e incisiva. Um narrador-jornalista que oferece ao leitor outras nuances do real.

Tanto no documentário quanto no memorial, há um uso extenso de entrevistas. Há a necessidade de entender a função dessa ferramenta dentro da narrativa. Felipe Viero Kolinski Machado (2018, p. 107) define a entrevista jornalística

[...] como sendo uma técnica de obtenção de informação, a qual recorreria ao particular, valendo-se, portanto, de uma fonte individualizada, capaz de lhe creditar valor, sem que exista, aí, uma preocupação de cunho científico. Por outro lado, ao ser tomada como um diálogo, a entrevista refere-se a uma interpenetração informativa, assinalada e constituída pela troca de sentidos e pelo revezamento das vozes. Nesse caso, portanto, a entrevista atingiria não só “os limites possíveis da inter-relação” (MEDINA, 2008, p. 05), como também a técnica assinalada por uma pauta com perguntas pré-formatadas, capaz de produzir um conhecimento concreto e modificar entrevistador e entrevistado.

Em meio a pandemia de Covid-19, que acometeu a humanidade de forma tão dolorosa, debruçar-me sobre o acidente com o césio e o trauma vivido pelas vítimas poderia ser uma combinação perfeita para uma desestabilização emocional. Porém, o que me ocorreu foi a oportunidade de tentar entender o lado da fonte/vítima de trauma nesse contexto de apuração e, também, o lado do jornalista.

Então busquei entender o trauma, assim como o processo de estabelecer uma relação entre o repórter e a fonte, os processos de apuração e produção do material e a lida com o próprio psicológico compondo a proposta deste memorial descritivo.

2.2 O TRAUMA

Quando esta pesquisa foi iniciada, a primeira problemática foi buscar entender o que é o trauma. Principalmente pelo fato de que, por exemplo, Daniela Arbex e Carla Lacerda trabalharam casos acontecidos, com pessoas que já morreram e agora se faz necessária a apuração do caso após a tragédia. Todavia, Daniel Camargos, que também já trabalhou em casos da mesma proporção, agora vem trabalhando em casos de violência constante, o que também pode ser classificado como traumático, uma vez que muitas pessoas já morreram e pensar que você pode ser a próxima é no mínimo inquietante. De acordo com Barbosa e Carvalho (2016), o trauma pode ser caracterizado como a memória de um passado que persiste – insiste em não passar –, e que, portanto, desordena a estrutura temporal do sujeito afetado em decorrência do trauma.

Outra compressão do trauma necessária diz respeito à forma que ele age. Segundo Fiorentin (2016, p. 16 apud PERES; MERCANTE; NASELLO, 2005) ,

[...] a palavra trauma, significa lesão causada por um agente externo, "esse conceito migrou ao campo psicológico, e, conseqüentemente, supõe-se com frequência que um trauma ocorre quando as defesas psicológicas naturais são transgredidas.

Há, também, a necessidade de entender que o trauma pode ser narrado através de duas percepções, as individuais e as coletivas. Em catástrofes com maior relevância histórica, Seligmann diz que a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade (SELIGMANN, 2008). E, pensando na importância da construção da memória, seja ela individual ou coletiva, em exemplificação, Maia e Lelo (2014) ponderam que as vítimas da ditadura contam suas histórias não por um desejo singular, mas por uma preocupação maior para com uma história que poderia ser esquecida em razão da ausência de imagens que poderiam expressar as mesmas dores (MAIA; LELO, 2014, p. 28).

Nesse sentido, vem a necessidade de continuar a produzir material sobre o acidente com o césio 137 e, também, ajudar a justificar a predisposição de Odesson para auxiliar todo

e qualquer trabalho sobre o assunto. Levantando, assim, a questão de que a preservação da memória é crucial para a preservação histórica e a prevenção de novos acontecimentos traumáticos.

Na entrevista feita com a jornalista Carla Lacerda, ela contou que ouviu de uma fonte, Odesson, do acidente com o césio 137, que essas pessoas viveram duas vidas em uma, a primeira antes do acidente e a outra depois. Também pensando na questão do trauma, Daniel Camargos traz uma questão muito importante ao dizer que “[...] eles são vítimas. O jornalista não deve torná-la vítima duas vezes. Vítima do que ela está passando e vítima de uma exploração midiática.” (CAMARGOS, 2021). Ou seja, é possível até que o jornalismo seja uma fonte causadora de traumas.

Há também que se pensar no jornalista nesse contexto, ele também é um ser social e, na condição normal do superego, teremos uma empatia involuntária. Pensando em como o jornalista é afetado por isso, Fiorentin (2016, p. 20) traz que

[...] a vida dos jornalistas que fazem a cobertura de situação de conflito, guerra e violência podem gerar consequências psicológicas, como: "Transtorno de estresse pós-traumático, depressão, deterioração das relações pessoais e abuso de substâncias" (apud FEINSTEIN, 2007).

Daniela Arbex comenta, ao se discutir a condução de uma entrevista que “[...] não tenho essa relação de aqui sou a repórter, que não posso chorar, que não posso me envolver, não trabalho dessa forma. Então tem situações que são tão comoventes que eu chego a chorar junto com a fonte. Isso é humano.” (ARBEX, 2021). Essa resposta da Daniela, apesar de ser algo que eu esperava, foi bem marcante.

2.3 O CONTATO

Desde o início da pesquisa, percebi que a abordagem dessas fontes necessitaria ser elaborada de maneira diferente. Pensando no documentário sobre o césio, ocorrido há três décadas, seria necessário um cuidado ainda maior. Essas pessoas, na época do ocorrido, e também posteriormente, foram intensamente assediadas. Daniela Arbex, em concordância, diz que as pessoas, quando passam por algum trauma, são muito exploradas, no sentido da mídia, do momento da tragédia. Depois, elas são abandonadas e perdem um pouco da crença e da confiança. Sentem-se exploradas e é difícil quebrar essa barreira (ARBEX, 2021).

É necessário ressaltar que atravessar essa casca criada durante anos para se proteger não é uma tarefa fácil. Há, também, após todos esses anos, alterações nos discursos, afinal, são seres humanos. Segundo Felipe Viero Kolinski Machado (2018, p. 99), apoiando-se em Malinowski,

[...] fontes consultadas, nesse sentido, salientam que elas não corresponderiam a documentos fixos e concretos, mas a comportamentos e a memórias, fluidos, de sujeitos vivos, o que aumentaria seu grau de complexidade e dubiedade.

Na conversa com Lacerda, uma fala levantada foi considerada muito potente e seria um ponto importantíssimo para o jornalista pensar antes de começar o processo de entrevista. A jornalista afirma que

[...] você precisa mostrar para ela (fonte), desde o início, que é um diálogo. Eu quero conversar, não quero só perguntar. Fazer a fonte entender que eu quero ouvi-la. No dia a dia do jornalismo é comum o jornalista chegar na pauta com a pergunta pronta e com uma resposta que ele quer receber (LACERDA, 2021)

Portanto, percebe-se uma necessidade de compreender a humanidade presente no processo, assim como o lugar do entrevistador como ouvinte, antes mesmo como jornalista. Assim, Lobato e Assmar (2017 apud MORIN, 1975, p. 95) dizem que “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção”, inclusive (e sobretudo) diante da diferença.”.

Ainda buscando entender a forma prudente de tratar as fontes sensíveis, Camargos traz uma palavra importante que é a honestidade:

[...] eu sempre tento ser o mais honesto possível com a fonte, com o entrevistado, falar assim: olha, eu estou fazendo uma matéria; essa matéria, pelo que eu consigo programar até agora, ela é uma matéria que vai contar isso, isso e isso; eu quero ouvir a sua história, quero colocar o seu nome, quero te fotografar, quero te filmar, mas quero conversar com você com calma; que você me conte isso, que sua história é muito importante por causa disso, disso e disso. (CAMARGOS, 2021).

2.4 O PROCESSO DA RELAÇÃO

Existem pontos em consonância. Se fosse necessário eleger uma palavra que reverberou em todas as entrevistas, a palavra seria empatia. Daniela, Carla e Daniel citaram a necessidade de sermos empáticos em nossa escuta. Em adição, Carla traz algo que, talvez,

pela minha jovem idade, eu deva chamar de compreensível, expondo que “[...] empatia vem também com experiência. Comecei a apuração do césio com 26 anos. Quando você é novo, você não vai compreender tão profundamente esses traumas” (LACERDA, 2021), ou seja, quando nos deparamos com as sequelas “[...] temos uma visão meio abstrata da condição dessas vítimas, falando sobre depressão e alcoolismo, por exemplo” (LACERDA, 2021).

Segundo Moura e Giannella,

[...] o sentido de escutar vai além do ouvir e inclui o silêncio e o tempo para processar. Tal percepção complementa definições de pesquisadores do campo da comunicação e da educação, para os quais a escuta é um processo de recepção, atribuição de significado e/ou de resposta a partir de uma mensagem verbal e/ou não verbal” (MOURA; GIANELLA, 2016, p 10 apud WOLVIN; COAKLEY, 1996; PURDY; BORISOFF, 1997).

Outro consenso entre os entrevistados é o de que cada fonte é única, algo que sequer é discutível. Como Arbex (2021) relata,

[...] cada história é única e cada pessoa lida com essa história de uma forma diferente. Não tem fórmula. Se aproximar do outro, entrar na casa do outro e essa pessoa te entregar o que ela tem de mais precioso que é memória afetiva, exige um cuidado.

Dessa forma, é impossível transformar algo humano em exato. Uma questão importante é entender a condição da sua fonte, talvez o jornalista tenha apenas uma única oportunidade de entrevistá-la; saber lidar com isso é essencial para uma produção sensível. Se há oportunidade de voltar e reencontrar sua fonte, fazer novas entrevistas, há o privilégio do tempo a seu favor, porém nem todos os casos são assim. Nesse sentido, Daniela contou de um entrevistado que ela sabia que lhe daria uma única oportunidade, então conversou com ele por 8 horas, tentando conhecer todas as nuances de sua história.

Nesse sentido, o tempo é um inimigo da sua apuração, Daniel vem dizer que

[...] quando temos tempo, é tudo mais fácil. Mas às vezes não há, então o repórter começa a embolar uma pergunta na outra e a pessoa começa a se sentir usada. É o básico, olhar no olho da pessoa e conversar com ela. Escutá-la e não ficar interrompendo. O repórter tem o costume de querer guiar, editar a fala do entrevistado. São erros comuns que nós jornalistas cometemos. (CAMARGOS, 2021).

Algumas táticas de apuração são apresentadas para chegarmos, de forma sensível, a um relato. O jornalista ainda manifesta a importância em

[...] achar pontos comuns, tentar não ir direto ao assunto, tentar não ficar relembrando o momento do trauma. Se você já sabe essa informação, para que perguntar de novo? Talvez não seja mais tão importante. Falar do hoje, do agora ou antes de chegar no dia da tragédia. O jornalista precisa entender que o papel dele não é dar click para a empresa, e sim informar com qualidade. (CAMARGOS, 2021).

Ao contar algumas histórias, Daniel afirma já ter derrubado a própria pauta por não concordar com a abordagem indicada pelo veículo onde trabalhava. Contou também a história de uma fonte, que, por ser sempre ameaçada de morte, preferiu guardar a história para não aumentar os riscos para ela; mas, infelizmente, depois de um tempo, ela veio a ser assassinada e a história foi por ele publicada.

Em concordância com a necessidade de demonstrar seu interesse não só comercial pela história de sua fonte, mas também em conhecer aquela pessoa, em sua humanidade e não como um mero produto, Daniela reitera: “[...] os detalhes da vida da pessoa fazem diferença. É um processo lento, de paciência e você tem que dar tempo para a pessoa. Nunca chego e, de cara, solto uma pergunta bomba” (ARBEX, 2021). Com a sugestão da jornalista de que é importante conhecer cada momento da vida de sua fonte, questões como onde conheceu sua esposa(o), onde se casaram, onde cresceram, trazem um maior número de detalhes para sua produção. Tais considerações são boas formas de se começar uma entrevista que envolve uma determinada situação.

Há, nesse ponto, que pensar na sua proposta narrativa, que ajude a desenvolver melhor as entrevistas. E, nessa relação da narrativa e da alteridade, Lobato e Assmar (2017, p. 7) dizem que “[...] um desafio ligado a todas as narrativas humanas: des-instrumentalizar o olhar, propiciar a compreensão e a narração de alteridade; fomentar o reconhecimento, a empatia e a compreensão”, apresenta a importância do olhar para o outro e da forma que isso será contado pelo observador, no caso, o jornalista.

Ainda dessa relação repórter e fonte, é importante pensar que estamos sempre aprendendo, nunca seremos suficientemente completos para esse ou qualquer outro processo. Corroborando com isso, Daniela se emociona ao comentar um caso recente que lhe aconteceu. Durante uma primeira entrevista, sua fonte demonstrou estar bem, aparentemente sabendo lidar com sua dor e com o seu momento. Após a entrevista, no processo de escrita, surgiu uma

dúvida que Daniela gostaria de tirar com a fonte. Enviou uma mensagem descontraída e que, no seu julgar, naquele momento, não haveria nenhum problema. Mero engano, sua fonte ficou furiosa, se negou a responder e, de forma abrupta, disse não querer mais saber dessa história. Nisso, Daniela disse que, só então, sua fonte mostrou toda a dor que ainda sentia. Ali, ela se abriu e de fato transpareceu tudo que estava escondendo.

Existe, no corpo, uma forma de expressar o que o seu íntimo está sentindo. Durante uma entrevista, o repórter precisa estar atento a cada sinal que seu entrevistado dá, uma mão ou pé inquieto, um olhar fugaz, a cabeça baixa ou até mesmo uma respiração mais arquejante. Mas são coisas para as quais nem sempre o jornalista se atenta. Felipe Viero Kolinski Machado, ancorado nas reflexões de Bourdieu, nos traz que

[...] os jornalistas possuem óculos especiais, capazes de verem determinadas coisas, mas não veriam outras. Tais lentes, compostas por um conjunto de elementos que envolvem ideologias pessoais e profissionais, questões práticas que definem as rotinas desses sujeitos e paradigmas sobre os quais se estruturam toda uma sociedade são, então, fundamentais para que os seus olhares sejam lançados ou, então, para que não sejam (KOLINSKI MACHADO, 2018, p. 100).

Somente com o tempo passamos a entender esses filtros - ou lentes - e aprendemos formas de contorná-los. A partir dessa reflexão, o jornalista pode, com mais sensibilidade, guiar a entrevista. Como Carla disse, “[...] quando questões subjetivas são envolvidas, não há uma receita. Vai depender mais da sua experiência de vida emocional para lidar com a situação do que outra coisa” (LACERDA, 2021), reforçando a ideia de que somente através da vivência é que se adquire bagagem para lidar com algo essencialmente emocional. O que nos atenta a necessidade de um olhar cuidadoso e respeitoso.

Em continuidade, a melhor forma de conduzir uma entrevista é algo extremamente particular a cada situação. Quando abordamos assuntos tão sensíveis, é normal haver reações extremas como profunda tristeza, choro, raiva, euforia e outros sentimentos causados por condições psíquicas depressivas. Carla traz um ponto que obriga o jornalista a refletir sobre a singularidade de cada caso e de como lidar com ele:

[...] tem entrevista que a pessoa chora, eu deixo ela chorar e proponho conversarmos em outro momento. Geralmente as pessoas pedem só uma pausa para um copo de água e continuam. O jornalista precisa entender sua fonte, o que é mais importante, sua matéria ou a pessoa? Quanto mais humana a pessoa (jornalista), o trabalho vai ter um bom efeito. E, agindo assim, você cativa tanto sua fonte, quanto seu leitor, porque o leitor também percebe se você foi invasivo ou não. (LACERDA, 2021)

Em concordância, Daniela relata situações praticamente similares às de Carla e, provavelmente, as de qualquer outro jornalista que lida com esse tipo de trabalho, dizendo que “[...] muitas das vezes que a pessoa chora, às vezes eu choro também; às vezes eu só escuto; às vezes eu sinto que a pessoa não quer falar mais e a gente conversa de outras coisas e depois retomamos o assunto.” (ARBEX, 2021)

Ainda dialogando sobre a condução da entrevista, Daniela conta de um caso recente de apuração:

[...] um senhor que havia perdido sua esposa e sofreu muito com isso. Ele levou um ano para tirar as maquiagens dela do banheiro. Quando eu vi, eu estava sentada no chão da sala dele vendo as fotos dela com ele. Dá pra calcular para chegar nesse momento? Não, ele foi caminhando para chegarmos nesse momento, foi se sentindo à vontade e, quando vi, estávamos lá. (ARBEX, 2021).

É imprevisível o que acontecerá, mas o jornalista tem que estar preparado para acompanhar o que poderá ser uma surpresa positiva, como no caso de Daniela, ou negativa.

Nesse momento, durante todas as incríveis entrevistas, uma fala do Daniel amarra perfeitamente tudo que vem se discutindo no decorrer dessa pesquisa: “Menos aspas e mais olhares. Analisar a pessoa, o olhar, como ela fuma um cigarro ou como ela bate o pé no chão”. Tudo isso reforça a necessidade da percepção sensível do jornalista. Durante uma entrevista, o jornalista pode não perceber, nas palavras do entrevistado, o que de fato ele está sentindo, mas o seu corpo e suas ações poderão muito bem entregar o verdadeiro sentimento.

Logo, parte, mais uma vez, da percepção do repórter ao contexto. Tudo que aconteceu, tudo que está acontecendo e tudo que você pode prever que acontecerá é importante para compreender o momento. À medida que o jornalista sabe do assunto que está tratando, mais preparado estará para lidar com as diversas situações que podem acontecer durante uma entrevista. Então, quanto a isso, Carla ressalta que a “[...] leitura vai sempre ajudar o jornalista, inclusive a entender aquelas mensagens que os entrevistados deixam subliminares.” (LACERDA, 2021).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata de um assunto tão subjetivo como o comportamento humano, não acredito haver nada que possa ser declarado como exato. Porém, a partir das minhas experiências, do material de apoio e das entrevistas obtidas, o memorial pôde tornar recorrente alguns pontos. O primeiro deles é bem evidente, isto é, a necessidade da empatia, principalmente aquela dita como advinda da experiência de vida, para compreender sentimentos extremamente complexos que acometem fontes sensíveis. Nesse sentido, também é necessária a sensibilidade do repórter durante todo o processo, desde os primeiros contatos, até no pós-publicação.

Outro ponto de grande relevância diz respeito à dedicação do jornalista: é impreterível que ele pesquise e se fundamente em conceitos teóricos e estudos científicos que lhe propicie um maior embasamento antes de partir para a fase das entrevistas (principalmente se a produção acontece décadas após o fato a ser narrado). As entrevistas realizadas para a produção do memorial foram feitas antes das apurações aprofundadas do caso do césio, o que, sem dúvida, me preparou para a pesquisa. Eu me vi passando por diversas questões levantadas pelos três entrevistados. Logo, me peguei analisando o que deveria fazer e sendo auxiliado pelo que ouvi dos mais experientes.

Durante a entrevista, o jornalista pode ouvir da fonte algo que dê um gancho para outras questões, que, talvez, ele nem tenha se atentado anteriormente. Por fim, podemos concluir que, nesse momento, sua fonte é mais importante que sua matéria. Uma vida humana não tem valor definido em clicks.

O produto, vídeo documentário, tem como resultado uma peça sensível ao relatar a vida de Odesson. Evidenciando assim o cuidado no momento em que trata a tragédia e toda a expressividade do entrevistado, refletindo na forma de contar de sua vida.

4 DIÁRIO DE CAMPO

12/08/2019

Nesta data começava o período 2019/2, onde eu estava matriculado na disciplina de Redação em Jornalismo, ministrada pelo Professor Felipe Viero. Durante as aulas, tive meu primeiro contato com alguns autores aos quais recorro neste trabalho e que eu seguirei pelo resto da minha vida como jornalista. Como no caso da Daniela Arbex, escritora de *Todo dia a mesma noite*, livro que li para a matéria do Felipe. Livro incrível.

15/02/2021

Primeira reunião com a professora orientadora em métodos. Após vinte e poucos minutos de conversa, quando Adriana toca no assunto Barbacena e em um trabalho de TCC sobre o que aconteceu por lá, uma luz de alerta se acendeu na hora me chamando para uma história trágica do meu estado. O césio.

18/02/2021

Após a decisão do que eu abordaria, não consegui pensar em outro nome para amparar essa ideia. Foi então que mandei um e-mail para o Professor Felipe:

Oi, Felipe, tudo bem?

Durante 2019 fiz contigo a matéria de redação, onde lemos alguns livros-reportagens e estudamos um pouco sobre o jornalismo literário. Eu estou estudando a história do Césio 137, acidente ocorrido em Goiânia no ano de 1987 e também a possibilidade de um livro reportagem (bem no estilo “Todo dia a mesma noite”, que foi uma leitura excepcional para me convencer a gostar da área). Mas ainda estou preso naquela discussão inicial sobre o que abordar. Uma via pouco explorada pelos trabalhos da UFG é a da memória e do esquecimento. Como te admiro como pesquisador, professor e afins, sem puxar saco kiki, gostaria de saber se você tem disponibilidade para uma conversa sobre o assunto, para me indicar mais leituras, sugerir abordagens e quem sabe não conversarmos sobre uma possível orientação.

Atenciosamente,
Gabriel Leal.

Por mais receoso que eu estivesse, tomei essa coragem e fiz esse primeiro contato. Eu já estava aguardando uma não resposta ou uma negativa, mas acabou que o Felipe ficou tão empolgado quanto eu com a ideia.

02/03/2021

Tive uma primeira reunião com o Felipe, expliquei toda a proposta para ele e a empolgação foi só aumentando. Descobrimos também que seu irmão trabalhava em Goiás junto com o meu pai. Como o mundo é pequeno.

06/03/2021 / 19/03/2021 / 16/04/2021

Durante o período todo trabalhamos para produzir um anteprojeto que nos desse um bom respaldo na produção. A ideia mantida era do livro-reportagem, com abordagem mais literária, resultado da leitura de páginas ampliadas, do Edvaldo Pereira. O memorial nos guiaria no entendimento teórico das questões de memória aplicadas ao caso do césio 137.

29/04/2021 - 30/04/2021

Carta de orientação e anteprojeto enviados ao Felipe. Depois devolvida e assinada. Agora oficialmente orientado e de férias.

25/05/2021

Tivemos um mês para descansar e voltamos para a luta. Encaminhei um e-mail ao orientador e definimos os primeiros passos, dentre eles organizar uma lista de fontes e aumentar a bibliografia.

07/06/2021

Ocorreu uma reunião e definimos algumas questões importantes. Nessa reunião a abordagem do memorial foi alterada. Durante a disciplina de métodos a ideia era abordar

memória, mas Felipe sugeriu então que fossemos para a relação jornalista e fontes vítimas de trauma, assunto que eu havia comentando ter pouca bibliografia em outra reunião. Com isso definido, levantamos a ideia de realizar entrevistas e selecionamos inicialmente dois nomes, o de Carla Lacerda, jornalista autora do livro *Sobreviventes do césio 137*, que inspira a produção do meu livro e de outra jornalista, Daniela Arbex, autora de alguns livros-reportagens que também vão servir de estro nessa jornada.

10/06/2021

Redigimos o termo de permissão de uso da fala de nossos entrevistados nos materiais produzidos. Preparei os e-mails a serem enviados às jornalistas e, com a revisão do Felipe, comecei a correr atrás dos contatos.

15/06/2021

Depois de procurar em diversos locais, como os próprios sites das autoras ou os perfis no LinkedIn, resolvi abordá-las no Instagram e pedir o e-mail delas. As duas responderam e então pude encaminhar os convites. Porém a saga não acabaria por aí.

21/06/2021

Felipe me comunica que está conversando com a professora Marta, também da UFOP e que conhece a Daniela Arbex, para que ela ajudasse-nos na marcação dessa entrevista. Enquanto isso eu esperava também uma resposta da Carla.

22/06/2021

Terminei de montar uma versão gráfica das fontes que ligava todos os radioacidentados mais próximos à abertura da cápsula.

26/06/2021

Porém, sempre com um novo dia, novos acontecimentos. Carla me respondeu no Instagram comentando que agendaria um horário para nossa entrevista. Eu comemorei bastante, afinal o tema do trabalho dela era o mesmo do meu e me inspiraria ouvir os relatos de sua apuração.

Uma outra questão que me ocorreu nesse período. Por dias fiquei pensando em algumas questões para o formato do livro, principalmente para o título dos capítulos. Eu me questionava se capítulos com títulos objetivos seria adequado. Então a ideia surgiu como uma música aleatoriamente repostada em seus ouvidos pelo aplicativo de música buscando canções que a tempos você não ouvia. Tocou *A rosa de Hiroshima* que, na voz afagante de Ney Matogrosso, cantou Vinicius de Moraes e me inspirou. Estava decidido a usar estrofes do poema como capítulos.

29/06/2021

Após pensar por alguns dias, as perguntas que seriam feitas aos entrevistados ficaram prontas:

1. Qual a melhor forma para um primeiro contato com uma fonte sensível?
2. Como estabelecer (ou como se estabeleceu) as relações repórter/fontes, nas reportagens produzidas por você, com vítimas/sobreviventes de situações traumáticas?
3. Houve fontes que em um primeiro momento se negaram a falar, mas após acontecer algo, se dispuseram? Qual seria o fato?
4. O medo de sofrer preconceito já impediu fontes de falar com você? Relate!
5. Há também que pensar nas fontes causadoras dos eventos. Geralmente, são processos longos e demorados. Quando há todos os indícios de culpa, como relatar a defesa dessa parte?

6. Como você avalia que uma fonte está ficando desconfortável com a conversa? Nesse caso, quais medidas você toma? Muda o assunto, retoma algum ponto, acha que é válido encerrar por ali e marcar a conversa para outro dia?
7. O que você define como importante para um tratamento humanizado, sem perder o caráter profissional do nosso trabalho?
8. Para finalizar, qual a história/relato que mais te marcou em todas as suas apurações e entrevistas?

Essas seriam perguntas norteadoras, na intenção que durante as entrevistas, novas questões viessem e fossem feitas as fontes do memorial. Havia também a necessidade de pensar em outras questões para enviar à Daniela. Então decidimos por essas:

1. Como estabelecer (ou como se estabeleceu) as relações repórter/fontes, nas reportagens produzidas por você, com vítimas/sobreviventes de situações traumáticas?
2. Como dirigir a conversa para chegar em momentos críticos, como o relato do rapaz que sai da boate com o corpo dilacerado pelo fogo, de uma forma sensível.
3. Nos casos em que você trabalhou, centenas de pessoas e famílias foram vítimas dos crimes relatados. Como são escolhidos os critérios para definir quais histórias serão escritas?

30/06/2021 - 04/07/2021

Para deixar meus dias um pouco mais corridos do que já eram, nesse final de semana eu organizei e realizei minha mudança. Tive que separar diversos objetos que acumulei nos meus 3 anos em Mariana, vender alguns e colocar outros no carro. A viagem seria sair de Mariana (Minas Gerais), fazendo escala em Barroso (Minas Gerais) e, com destino final, Jataí (Goiás), totalizando 1280 quilômetros, dirigindo com uma mudança no carro e a Bravinha, minha vira-lata e fiel escudeira. Fui na sexta de Mariana para Barroso, em um percurso de 180 quilômetros, e, no domingo, dirigi os outros 1100 quilômetros até Goiás.

Nesse período, enviamos uma mensagem para a Marta encaminhar à Daniela e eu mandei outro e-mail para a Carla perguntando sobre a entrevista, o qual ela respondeu rapidamente, marcando para o sábado, 02/07. Eu, sem querer perder nenhuma chance, mesmo estando fora de casa, marquei e então ocorreu. A entrevista com a autora do livro *Sobreviventes do césio 137* foi incrível e motivadora.

06/07/2021

Na terça, quando tive uma folga, transcrevi a entrevista e comecei a dar forma para o memorial, mesmo sem ter muita noção de como iria estruturá-lo. Nesse dia Felipe me informou que Marta havia encaminhado as questões para a Daniela. Outra coisa que aconteceu foi que, com a ajuda da Carla, consegui o primeiro contato de uma fonte do acidente, Odesson Ferreira Alves. Felipe também orientou que eu fosse buscar, nos textos da professora Karina, mais embasamentos teóricos.

07/07/2021

Aconteceu a entrevista com o jornalista Daniel Camargos. Ouvei grandes histórias de suas apurações em diversas áreas e regiões, quase todas envolvendo fontes sensíveis de alguma forma. Durante essa entrevista, com o que ouvi, somado com a da Carla, encarei uma realidade importante: o jornalista também é extremamente afetado pela sua posição na história. Surgiu então uma pergunta essencial na pesquisa, sobre como lidar com o psicológico que é amplamente afetado. Daniel me respondeu e no mesmo dia já encaminhei a pergunta à Carla.

09/07/2021

Quase um dia D da produção. Fiz uma reunião com o Felipe, onde definimos focos e datas. Faltavam 5 semanas para a banca de TCC1. Precisava correr para conseguir informações ainda faltantes. Até esse ponto nós tínhamos um bom material para o memorial, porém pouca coisa para o livro. Felipe me questionou se eu não gostaria de transformar o trabalho em uma monografia, que demandaria um esforço igual, mas que já estaríamos mais

encaminhados. Apesar de uma proposta justa, seria trair duas vezes meus interesses. A primeira foi a não possibilidade de trabalhar com o audiovisual, que é uma paixão minha, devido a pandemia de COVID-19. A segunda vez seria abandonar o livro, que também realizaria meu gosto que é o de contar histórias, não importa como. Decidi manter o livro e seguimos com a proposta de fazer um primeiro contato com o C.A.R.A (Centro de Atendimento aos Radioacidentados) naquele mesmo dia, o que acabou indo parar na segunda-feira, uma vez que já não havia mais ninguém por lá para atender a demanda. Outra orientação era a de fazer, finalmente, o primeiro contato com Odesson na próxima segunda.

12/07/2021

Logo cedo enviei uma mensagem ao Odesson e fiquei um pouco ansioso, era um passo importante para o trabalho e começaria aqui a minha experiência com o meu sujeito de estudo neste memorial, a relação do jornalista com a fonte vítima de trauma. Liguei para o C.A.R.A, consegui o contato da comunicação, Daiane, super solícita me respondeu todos os questionamentos referentes à entidade via e-mail. Quanto a Odesson, minha primeira mensagem foi explicando quem eu era e qual a minha proposta. Odesson comentou que estava com netos em casa e que estaria com muitos afazeres naquele momento e, por fim, que poderia demorar bastante para responder. Sem querer por algum tipo de pressão, disse que tudo bem e mandei duas perguntas simples, para que ele falasse de sua infância e adolescência.

13/07/2021

O e-mail marca 13:19 a chegada de mais uma boa notícia. Daniela havia respondido Marta e Marta encaminhará as boas novas a Felipe. Felipe me comunicou que Daniela gostaria de agendar uma reunião para a próxima sexta-feira, uma vez que ela achou o tema complexo demais para ser discutido por áudios encaminhados via aplicativo de mensagens. Eu fiquei eufórico, não só por ser uma jornalista com enorme experiência no assunto, mas também pelo nosso planejamento ter dado todo certo. No mesmo dia já fiz contato com a Daniela e marcamos a reunião.

16/07/2021

Eis o dia da reunião. Como nossa conversa seria pelo celular, fiquei na dúvida se eu ligava de vídeo ou só por áudio mesmo, acabei optando pela segunda opção, uma vez que a entrevista era, de certa maneira, improvisada. Começamos a conversar, tive que colocar o celular próximo ao microfone do computador e gravar a chamada dessa forma, uma vez que o Iphone complica gravações de chamadas. Quando deu 15 minutos de conversa, uma empresa começou a ligar para ela e ela teve que desligar e me retornaria. No fim deu tudo certo, tanto na conversa, que foi ótima, quanto nas gravações. A última fonte do memorial havia sido ouvida.

20/07/2021

Em uma conversa com Odesson, ele explicou que estava com diversos afazeres pelos próximos dias e que os netos foram embora recentemente. Me ofereceu um livro que ele havia começado a escrever, mas que nunca finalizou. Aceitei muito lisonjeado e comentei que eu incentivaria ele a continuar escrevendo, afinal, é mais importante para ele do que para todo o resto.

22/07/2021

Por volta das 8 horas da manhã eu recebi um e-mail de um oficial da Marinha, finalmente respondendo minha solicitação ao Hospital Naval Marcílio Dias. Eu estava buscando médicas(os) e enfermeiras(os) que trabalharam no atendimento às vítimas do césio. Mas antes que eu desse a devida atenção ao e-mail, o Capitão Antonio Jatobá me ligou e conversou sobre minha proposta. Expliquei tudo por telefone e depois por e-mail.

26/07/2021

Lendo os jornais da época, encontrei o nome de um médico, Nelson Valverde, que foi membro da junta médica que atendeu os pacientes no Rio de Janeiro. Procurei pelo nome dele

no Google e achei uma página com seu extenso currículo e um contato. Convidei-o para uma entrevista.

27/07/2021

Nelson respondeu aceitando participar e marcamos para o próximo dia 29. Conversei mais uma vez com Odesson. Uma conversa bacana, onde ele disse que o trabalho feito seria importante para ele, uma vez que contasse a história dele. Lendo mais jornais, encontrei um nome que eu não conhecia, de uma vítima, ao pesquisar no google, encontrei um artigo que se referenciava em uma tese de mestrado de 1990. Um material potente, com falas de algumas das vítimas do acidente. Comecei a buscar a dissertação de Ana Luiza Genro Wojtowicz. O maior problema era o fato de que publicações tão antigas, dificilmente estariam em repositórios digitais.

04/08/2021 - 05/08/2021

Primeiro, para que não fique uma lacuna muito grande em relação aos dias nessa fase, e, segundo, para explicar o por quê dessa lacuna, escrevo algumas observações aqui. Durante esses dias, me dediquei apenas à escrita do memorial e a novas entrevistas para o livro. Conversei com o Felipe mais pelo aplicativo de mensagens do que por e-mail. Foram dias de correria, o final do período se aproxima.

Além disso tudo, é válido uma nota. Eu sou, desde pequeno, apaixonado por esportes, durante essas últimas semanas, estão acontecendo as Olimpíadas de Tóquio, que foram adiadas. Por serem no Japão, os jogos estão começando por volta das 21 horas no horário de Brasília, varando a noite e acabando por volta das 9 horas. E não tem como eu não acompanhar, ao menos, os esportes em que o Brasil tem chance de se destacar.

Como se não bastasse, ao longo da vida, também desenvolvi uma paixão por política. Acompanho o dia a dia de Brasília quase como um jornalista que lá cobre os acontecimentos. E do dia 4 de maio até outubro, ela investiga ações e omissões públicas durante a pandemia. Outro acontecimento que tem tomado meu tempo em paralelo a tudo mais que tenho para fazer.

E para justificar as duas datas, estou escrevendo isso um pouco após a meia noite, enquanto continuo a me dedicar ao memorial em consonância a minha audiência ao Brasil no Skate.

06/08/2021

Hoje recebi os escritos de Odesson, conversamos um pouco pelo celular, discutimos como a tecnologia às vezes falha (a conversa se deu no contexto de que, pelo aplicativo, ele não estava conseguindo enviar o arquivo e conseguindo apenas pelo e-mail). Também me reuni com Vinicius, que será o responsável pelo planejamento visual do livro-reportagem, boas ideias já me surgiram após nossa conversa.

10/08/2021

Para a minha surpresa, recebi uma ligação do Capitão Jatobá, retornando meu pedido à Marinha. Pelo tempo que levou, pensei que poderiam ter desistido da colaboração. O que aconteceu, de fato, foi que o pessoal buscou bastante sobre as médicas e os enfermeiros que trabalhavam no hospital naval, na época do acidente, e concluíram que seria extremamente difícil fornecer os contatos, uma vez que os que ainda estavam vivos, dependiam de terceiros e da autorização deles e, sendo assim, indeferindo o meu pedido. Mas, como eles ainda gostariam de me ajudar, o prestativo capitão encontrou um livro, produzido à época, com relatos desses profissionais. Trata-se de uma cópia muito bem conservada que ele encontrou por lá. Pedi o meu endereço e enviou o exemplar, um presente para o meu trabalho. O pacote está para chegar, e estou aguardando ansiosamente. Inclusive, o Capitão Jatobá me convidou para, caso fosse do interesse, analisar a possibilidade de publicar o trabalho, quando pronto, na revista de periódicos da marinha, uma honra.

12/08/2021

Aqui, declaro-me exausto. Em uma produção de fôlego, é necessário, claro, fôlego. Trabalhando no tema desde março de 2021, com pausas apenas para me dedicar a outras atividades da faculdade (as quais são numerosas, afinal, além dos laboratórios, disciplinas

eletivas e obrigatórias, eu ainda estou em trabalhos de extensão). Uma coisa que não citei aqui à época em que decidi fazê-la, foi acabar com qualquer atividade no sábado e no domingo. Até junho, eu estava usando os finais de semana para adiantar leituras, fazer entrevistas ou tomar alguma outra medida referente às produções (não só do TCC). Uma vez trabalhando em uma temática densa e dramática quanto essa, utilizar meus finais de semana para tal estava me deixando deprimido. Chegamos ao final e eu estou sem fôlego.

E a propósito, como é necessário centenas de horas de eletiva e eu atrasei minha formação em um período (por conta de uma crise depressiva), tive que vir fazendo matérias a mais durante os períodos para formar dentro do prazo (assim esperava, sem contar com uma pandemia). Nesta última semana, que eu deveria, também, estar trabalhando no livro-reportagem, me dediquei à montagem do meu trabalho final da disciplina Produção e Experimentação Audiovisual, que será uma obra cinematográfica, cujo nome será *Há apenas Natureza*. Para quem tiver interesse, é só jogar no YouTube o título que facilmente o encontrará.

18/08/2021

Alguns ajustes foram feitos e, finalmente, o e-mail para marcar a banca foi enviado. Banca agendada para o dia 30/08. Agora é aguardar.

30/08/2021

A banca aconteceu às 19 horas. Foi um pouco extensa, mas uma conversa extremamente agradável, não poderia ser diferente, dada as companhias. Eu apresentei o trabalho, Felipe falou um pouquinho e Marta, então, deu seu parecer. Foram diversas orientações e todas elas extremamente sensatas. Porém, quero pontuar uma delas, talvez a mais importante.

Marta sugeriu que alterássemos o formato do trabalho por conta das barreiras impostas pela pandemia, pelo pouco avanço do livro até o momento e, também, pelo pouco tempo restante, uma vez que eu gostaria de concluir tudo ainda em 2021.

Em conversa posterior com Felipe, decidimos que eu tiraria um tempo para pensar nas opções, que até o momento eram o livro ou uma grande reportagem multimídia em formato de website.

03/09/2021

Última reunião com Felipe estando matriculado em TCC I, conversamos sobre a banquinha e sobre as possíveis mudanças no formato do trabalho. Eu teria o recesso, por volta de 20 dias, para pensar no que eu gostaria. O ponto é, o trabalho é meu e por mais que exista orientações, a decisão final é sempre do aluno. Que responsabilidade, brinco.

24/09/2021

Reunião de volta às aulas, agora como aluno do oitavo período. O tão esperado TCC II e a oportunidade de finalmente colar grau. Foi uma conversa que quase não aconteceu, caiu uma tempestade bem no horário da reunião e a energia acabou após 5 minutos de papo. Por sorte eu havia carregado meu celular e a conexão 4G se manteve, então consegui continuar dessa forma. Em um cenário de raios que assustavam a mim e até ao Felipe, conversamos e, até este ponto, seguiríamos com a grande reportagem. Estabelecemos metas a serem cumpridas até um próximo encontro, entre elas, de forma remota, a tentativa de conversa com duas fontes. O foco aqui seria no produto.

11/10/2021

Nesse tempo, algumas coisas aconteceram de outra forma. Eu me dediquei a fazer alterações no memorial e a amadurecer a ideia da produção de um documentário. Então na segunda, 11, tive mais uma reunião com o Felipe. Discutimos, pela última vez, a questão do formato do trabalho, finalmente.

Ficou decidido a mudança no formato. Passamos de grande reportagem para filme documentário. E com a proposta de convidar o amigo e professor Adriano para compor esse grupo como coordenador.

15/10/2021

Me reuni com Adriano e por sorte, com Anderson, que é técnico de audiovisual da UFOP e também, um amigo. Fiz o convite e, com um sorriso no rosto, Adriano aceitou! Logo, chamei Anderson, também, para ser um conselheiro nessa jornada.

16/10/2021 - 03/11/2021

Esse período, usei para amadurecer meu projeto, escrever um primeiro roteiro e correr atrás de outras questões importantes. Uma das primeiras coisas que fiz foi ir atrás de uma equipe para me acompanhar. Eu seria aqui, um diretor e roteirista, mas, precisaria também, de pessoas para captar as imagens e o som. Nisso encontrei o coletivo e produtora de vídeos, Dafuq, em Goiânia. Conheci Tothi, um cara divertido e animado, que foi quem começou esse contato comigo. Tothi seria o rapaz do áudio e me apresentou Larry, que seria nosso câmera (posteriormente, outras pessoas indicariam o Larry, principalmente, por ser um cara muito talentoso). Tivemos algumas reuniões e me ajudaram a amadurecer ideias, já que são mais experientes do que eu nessa área.

03/11/2021

Nesse dia tivemos a primeira reunião, eu, Felipe e Adriano. Um papo super agradável, onde principalmente o Adriano, passou orientações e indicações referentes ao roteiro. Basicamente comentou que eu tinha potencial para ir muito além do que eu estava propondo. O que me motivou muito nesse trabalho foi que, sempre, Felipe e, depois o Adriano, muito me elogiaram e me colocaram para frente. Aqui agradeço também à Marta, pelos elogios na primeira banca e, também, ao Evandro, que posteriormente foi convidado a integrar a banca e que sempre falava bem de mim, para mim mesmo!

Por fim, saí da reunião super motivado e com o propósito de refazer meu roteiro, entendendo perfeitamente o que estava sendo levantado pelo professor. E assim fiz, um roteiro muito diferente do primeiro e com todo o potencial comentado pelos professores.

13/11/2021

Então chegou o grande dia. Eu acabei não dormindo muito na noite anterior, mas era justo, devido ao quarto velho de hotel em que eu me hospedara e a ansiedade que me

acompanhava nessa viagem. Às 05h da manhã, já pulei da cama, tomei um banho e saí para me encontrar com os meninos. O plano era nós entrarmos às 06h na produtora, carregar o carro com o material de filmagem, tomar um café e pé na estrada.

Assim foi, um caminho bonito até o sítio. Para quem tem a sorte de conhecer Goiás, passamos ao lado da Pirenópolis e de frente ao salto de Corumbá. Para aqueles que ainda não, esta é a vista da rodovia:



Reprodução google.

Chegamos no sítio às 09:20 e fomos recebidos pela Marli, esposa de Odesson. Como passei todo esse tempo vasculhando materiais, que no geral eram dos anos 80 e 90, não a reconheci de pronto. Eu também ainda estou me acostumando com as mudanças do tempo. Odesson também já não é um jovem de 30 anos que passou pelo pior acidente radiológico do mundo. Enfim, sentamos, tomamos o café da dona Marli, que afinal nós não chegamos na casa de um goiano sem tomar um café, é mal feito; e então passamos a conversar. Tudo sobre o excelente dia de entrevistas, está no material produzido.

Mas gosto de falar sobre a recepção que Odesson e Marli fizeram para nós. Como conversado antes, comeríamos uma típica carne na lata e já estaríamos contentes. Mas, para

nossa surpresa, Marli preparou um verdadeiro banquete. Com uma ajudinha do Odesson em alguns momentos, Marli preparou um pato assado, mandioca cozida, feijão tropeiro com feijão andu, frango caipira (aquele mesmo que não teria), carne de lata (a bendita), uma salada farta e um bom arroz. Eu espero não ter me esquecido de nada! Ah, me esqueci, sim! Ela fez um torresmo para abrir o apetite, junto com uma pinguinha curtida pelo Odesson. Passamos bem até demais.

16/11/2021 - 18/11/2021

Durante esses dias comecei a organizar o material bruto da captação. Tive que assistir a tudo novamente, fichar cada arquivo de áudio em um documento de texto e nomear os áudios gravados com os vídeos. Depois, chegou um dos grandes momentos, começar o projeto dentro do editor de vídeos. Por fim, o trabalho de sincronizar todos os vídeos com seus respectivos áudios, milímetro por milímetro de corte. Daqui pra frente começa a parte artística da edição.

09/12/2021

Hoje, Felipe encaminhou e-mail marcando a banca; hoje, foi um dos dias mais importantes. Começo a ter noção que o fim de um longo ciclo de mais de 4 anos está chegando ao final.

09/12/2021 - 17/12/2021

Nesses dias, trabalhei bastante na edição do filme e nas correções finais do memorial. Foram dias extremamente corridos, porém, ao final, prazerosos! Banca marcada, dia 06 de janeiro de 2022! O último passo para que eu me torne um jornalista.

REFERÊNCIAS

33. Direção: Kiko Goifman. Produção: Kiko Goifman. São Paulo, 2002. 1 DVD.

ALEKSIÉVITCH, S. **Vozes de Tchernóbil** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 383 p.

ARBEX, D. Daniela Arbex: depoimento [ago. 2021]. Entrevistador: Gabriel Carvalho Leal. Ouro Preto: UFOP, 2021. 2 arquivos de áudio. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

ARBEX, D. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019. 280 p.

ARBEX, D. **Todo dia a mesma noite**: a história não contada da boate Kiss. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 240 p.

CARVALHO, A. L.; BARBOSA, K. G. Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem da Samarco em Mariana. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 13 n. 2, p. 33. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n2p19> Acesso em: 03 de novembro de 2021.

CAMARGOS, D. Daniel Camargos: depoimento [ago. 2021]. Entrevistador: Gabriel Carvalho Leal. Ouro Preto: UFOP, 2021. 1 arquivo de vídeo. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

CAMARGOS, D. Loucos por Bento Rodrigues. Piauí. Mariana, 02 de novembro de 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/loucos-por-bento-rodrigues/> Acesso em: 23 de junho de 2021.

CHAVES, E. G. Goiânia é azul: o acidente com o césio 137. **Revista UFG**, v. 9, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48158> Acesso em: 27 de julho de 2021.

COMISSÃO nacional de energia nuclear. **Relatório do acidente radiológico em Goiânia**. Goiânia; 1988. 109 p.

FIorentin, L. **Reação de jornalistas após situações traumáticas: estudo descritivo-analítico**. 2016. Monografia (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2016. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/931> Acesso em: 26 de novembro de 2021.

HELOU, S. **Os bastidores do césio-137**: o acidente radiológico de Goiânia sob a ótica dos profissionais que nele atuaram. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. 175 p.

HERSEY, J. **Hiroshima**. 1. ed. Califórnia: Snowball Publishing, 2019. 150p.

INTERNATIONAL atomic energy agency. **The Radiological Accident in Goiânia**. Vienna, 1988. 152 p.

KOLINSKI MACHADO, F. V. **Homens que se veem**: masculinidades nas revistas Junior e Men's Helth Portugal. 1. ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018. 268p.

LACERDA, C. Carla Lacerda: depoimento [jul. 2021]. Entrevistador: Gabriel Carvalho Leal. Ouro Preto: UFOP, 2021. 1 arquivo de vídeo. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

LACERDA, C. **Sobreviventes do césio 137**. 2. ed. Goiânia: Nega Lilu Editora, 2018. 174 p.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009. 470 p.

LOBATO, J. A. M.; LOBATO, M. L. A. M. Alteridade, Empatia e Afetividade no Jornalismo: Por Uma Desinstrumentalização do Olhar Sobre o Outro na Narrativa de Informação. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. p. 15. Curitiba, 2017. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3036-1.pdf> Acesso em: 26 de novembro de 2021.

MAIA, M. R.; LELO, T. V. A morte de Vladimir Herzog: narrativas do trauma na memória coletiva. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 1, p. 33, 2014.

MATTOS, M. A. *et al.* **Aplicação das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos na Escola de Administração**: atualizada às normas vigentes até maio de 2013.

Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. p. 39. Disponível em:
https://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/wp-content/uploads/2012/11/normas_20131.pdf

MOURA, M. S. S.; GIANNELLA, V. A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento. **Revista Terceiro Incluído**. v. 6, 2016. p. 16. Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/teri/article/download/40739/23054/0>

Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. - n.1 (jun. 1970) - n.20 (jun. 1985) - n.15 (jun. 2012), Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2012-il.; 27cm. Semestral.

PERES, A. C. **Narrar o outro**: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas. Galaxia: São Paulo, 2016.

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes Produções Artísticas, 2006. 1 DVD.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro. v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 4 de novembro de 2021.

SILVA, M. D. J. **Ponto de vista a(u)torizado: composições da autoria no documentário brasileiro contemporâneo**. 2013. Tese (Doutorado em ciências da comunicação) Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

